

TPC E OUTRAS ACTIVIDADES

Crianças profissionais

Ser criança hoje é muito diferente da realidade de alguns anos atrás. As mudanças na família nuclear, onde os pais trabalham fora de casa, e onde a vida profissional e a carreira passou a ocupar os dois progenitores em igualdade de circunstâncias, fez com que a imagem da mãe doméstica, sempre ao dispor dos filhos, faça parte do passado.

Actualmente, as crianças saem de casa bastante cedo, e passam quase todo o dia fora, em actividades que os tornam pequenos adultos, quase profissionais, e com uma agenda bastante preenchida.

Não é, por isso, de estranhar que o "stress" infantil seja hoje um conceito familiar, e que a agenda das crianças seja motivo de preocupação não só para estas, mas também para toda a família.

Assim, não raras vezes, são apontados culpados para os problemas que a agenda dos mais pequenos tem vindo a criar, e muitos são os que hoje questionam a necessidade dos chamados "trabalhos de casa" (TPC), que se transformam em autênticos martírios para toda a família.

Chegados a casa a horas mais tardias, os TPC são motivo de choro por parte dos mais pequenos, e de discussões por parte dos adultos, que se vêem metidos entre cópias, ditados e contas, nos únicos momentos do dia em que têm algum tempo para estar com as crianças.

Contudo, entende quem conhece a realidade por dentro, que os TPC não são os únicos culpados dos dramas de uma sociedade cada vez com menos tempo. A verdade, é que as crianças de hoje quase que não têm tempo para si próprias, num mundo cada vez mais competitivo, e onde, desde muito cedo, as actividades extra-curriculares transformam as crianças em pequenos profissionais.

Para analisar os sinais dos novos tempos e a verdadeira dimensão de estes nas crianças, o DIÁRIO contactou uma pedo-psiquiatra e uma professora, que disseram de sua justiça.

Maria da Paz Saldanha Vieira, pedo-psiquiatra, entende que o problema que se coloca ao nível dos trabalhos de casa e das suas consequências nas crianças, é que os tempos mudaram e ainda não houve a respectiva adequação.

Os trabalhos de casa eram uma coisa institui-

- As crianças de hoje têm uma agenda quase tão completa como os adultos, e não raras vezes as suas tarefas se transformam em autênticos pesadelos familiares. Em tempo de mudança, questiona-se a necessidade dos tradicionais TPC e as vantagens de ocupar as crianças a tempo inteiro.



Os chamados TPC's são muitas vezes motivos de angústias.

A. SENOIA

da, e não se modificaram agora que grande parte das escolas são a tempo a inteiro. E hoje existem casos em que os miúdos entram na escola às oito e ficam até às seis da tarde e depois ainda levam trabalhos para casa. O que não faz qualquer sentido.

Sendo assim, como especialista, chama a atenção para o facto de que muitas coisas mudaram na nossa sociedade, mas outras mantiveram-se inalteradas. «O dia continua a ter 24 horas, e as crianças continuam a precisar de tempo para brincar, para conhecer os pais, ou simplesmente para nada fazer. Afinal, como refere, a infância é o laboratório da vida, onde brincar é fundamental, porque a brincar se fazem todas as experiências.

Contudo, reconhece que o tempo que falta às crianças não está unicamente relacionado com os trabalhos de casa. E isto porque hoje em dia os pais querem que os filhos façam muitas coisas, desde o Inglês, à Informática, do Desporto à Música.

Maria da Paz Vieira sublinha que tudo é feito com a melhor das intenções, porque se comece a perceber que, além da escola, é preciso apostar naquilo que possa garantir um futuro estável.

Mas, defende que cada criança é um caso, e se uns aguentam a pressão de fazerem muitas coisas ao mesmo tempo, outros nem por isso.

E este factor é preciso ter em conta, nomeadamente nas crianças que iniciam o primeiro ano do ciclo, e que se situam na faixa etária dos seis anos. Porque é nessa idade que se dá uma grande mudança, entre a pré-primária, que é um tempo de brincar, e depois a entrada na aprendizagem. «Estar a entrar num ano de transição e dar-lhes muita coisa ao mesmo tempo para fazerem, não é algo que todos encarem da mesma forma», refere.

Aliás, sublinha que o desenvolvimento emocional e psico-efectivo das crianças dá-se, essencialmente, até os seis anos, altura em que, em princípio, as crianças estão preparadas para entrar na latência. Mas nem todos chegam a essa fase com a mesma maturidade. É que embora até aos seis anos se encerre, normalmente, a fase do conhecimento de si próprios e estejam mais tranquilos para começar a aprender, é preciso ter em atenção a capacidade de cada criança, e ter o cuidado de não lhe dar muita coisa ao mesmo tempo.

Aliás, sublinha que o desenvolvimento emocional e psico-efectivo das crianças dá-se, essencialmente, até os seis anos, altura em que, em princípio, as crianças estão preparadas para entrar na latência. Mas nem todos chegam a essa fase com a mesma maturidade. É que embora até aos seis anos se encerre, normalmente, a fase do conhecimento de si próprios e estejam mais tranquilos para começar a aprender, é preciso ter em atenção a capacidade de cada criança, e ter o cuidado de não lhe dar muita coisa ao mesmo tempo.

Algo que tem mais importância numa altura em que são conhecidos conceitos como depressão e "stress" infantil. Se bem que, neste aspecto, Maria da Paz Vieira sublinhe que mais do que centrar a atenção em potenciais situações de "stress" ou eventualmente traumáticas, é ter em atenção a capacidade de resistência de cada indivíduo. «Vemos que existem miúdos que estão sob "stress", mas que depois isso não traduz sofrimento psíquico ou desadaptação, e começamos a perceber que mais do que o traumatismo é importante pesar a nossa capacidade de lidar com condições de vida adversa», sublinha. Ou seja, há que principalmente ter em atenção que cada criança é um caso.

E, para isso, Maria da Paz Vieira defende que as escolas não podem funcionar de costas viradas para a família, e vice-versa, num sistema em que cada um "trata da sua quinta". Aliás, refere que, quando se trata de crianças, a interacção não se deve dar apenas entre escola e família, mas também entre todas as pessoas que lidam com crianças e a própria família.

RAQUEL GONÇALVES
rgoncalves@dnnoticias.pt



TPC podem ser negociados

Adriana Gouveia, professora do 1º Ciclo do Ensino Básico, entende que os trabalhos de casa são necessários e só poderão ser motivo de discordia se não forem bem orientados.

Considera mesmo que os TPC são importantes para que as crianças adquiram hábitos de trabalho, sejam responsáveis e consolidem os conhecimentos adquiridos.

Algo que vai, de certo modo, colaborar para um possível melhor relacionamento entre pais e filhos, sendo um óptimo pretexto para que uns e outros se relacionem muito mais, e não necessariamente um foco de conflitos. Dado que esses momentos podem ser de grande utilidade para que pais e filhos troquem ideias, numa relação que também pode ser de mútua aprendizagem.

Assim, só nos casos das escolas a tempo inteiro é que entende que grande parte dos trabalhos de casa deve ser feita nas salas de estudo, porque, caso contrário, as crianças ficam muito sobreexigidas, e tornam-se numa situação contraproducente.

Adriana Gouveia reconhece, também, que, actualmente, há que haver uma adequação às novas realidades, onde a família chega mais tarde a casa, e as crianças têm outras actividades.

Neste contexto, diz que os trabalhos de casa não têm de ser necessariamente aqueles que os professores estipulam, podendo, por isso, não serem feitos na totalidade, quando a situação familiar não o permita.

O que não pode acontecer é chegar a uma situação em que os trabalhos de casa sejam completamente colocados de parte, dado ser consensual que estes têm as suas vantagens.

Por isso, refere que, no seu caso particular, costuma negociar com pais e crianças o volume dos trabalhos a mandar para casa. E, neste "contrato negocial", é possível encontrar de tudo, desde crianças que gostam de fazer os TPC até aquelas que os acham perfeitamente dispensáveis.

De resto, defende que é muito importante que os pais se mostrem interessados no trabalho dos filhos, o que está provado ser um contributo muito importante para o sucesso escolar. Mas, neste âmbito, salienta que os pais devem ajudar e não cair na tentação de fazer os trabalhos pelas crianças, numa tentativa de apressarem a situação.

Adriana Gouveia reconhece, por outro lado, que não só os TPC podem tirar tempo às crianças, dado que conhece algumas cuja agenda diária é mais cheia do que a de alguns adultos. E, neste âmbito, defende que é muito importante que as crianças tenham tempo para brincar.

«Os pais querem que os filhos saibam ler, saibam música, pratiquem desporto. Mas, há que optar, sob pena de nada sair certo, porque afinal as crianças também têm de descansar, e têm, acima de tudo, de ter tempo para serem crianças», sublinha.

Mas, dentro da problemática de como as crianças ocupam o tempo, Adriana Gouveia não deixa de salientar, pela negativa, as horas que as crianças passam em frente à televisão. «Actualmente, as crianças saem da frente da televisão para frente do computador, ou então passam o tempo a fazer jogos nos telemóveis», realça, salientando que são tudo coisas que as mantêm afastadas do mundo real. Quando, apesar dos avanços da tecnologia, as crianças continuam a precisar de brincar ao ar livre.

Ou seja, entende que, em tudo isto, há que haver um grande equilíbrio, que nem sempre é fácil de encontrar nos nossos dias.

R.G.